



Resultado de Pesquisa

PRODUÇÃO E TRANSMISSÃO DE SABERES INTERGERACIONAIS NA ALDEIA SÃO JOSÉ, MUNICÍPIO DE TOCANTINÓPOLIS- TO

Fabício Laranja Salvador Apinagé, Universidade Federal do Norte do
Tocantins, fabricao.laranja@mail.uff.edu.br.

Rejane Cleide Medeiros de Almeida, Universidade Federal do Norte do
Tocantins, rejmedeiros@mail.uff.edu.br.



I. Apresentação e Justificativa

Este trabalho com o tema Produção e Transmissão de Saberes Intergeracionais foi desenvolvido na aldeia São José do Município de Tocantinópolis, Tocantins, e discute como são desenvolvidas as atividades praticadas pelos mestres Panhĩ Apinayé com as gerações mais novas, o ensino e o aprendizado desses saberes por meio da cultura Apinayé em contato com o território e as territorialidades que são destaques no modo da educação no contexto local de desenvolvimento com as atividades de forma Prática.

Os saberes orais entre os Apinayé continuam sendo fundamentais para o desenvolvimento das atividades do saber e fazer na comunidade local, sendo esse proporcionado pelos mestres locais que se intensificam e dinamizam o olhar e a percepção nos rituais, festividades, cerimônias do povo panhĩ, como salienta RIBEIRO (2019, p. 104).

[...] a oralidade para o povo Apinajé é importante, pois, através dela são preservados na memória dos sábios da comunidade, contos, mitos da cultura indígena Panhĩ, existentes com os anciões que são nossa verdadeira biblioteca de conhecimento tradicional. A oralidade é fundamental para a alfabetização Panhĩ. Pensamos a escrita como complemento à oralidade, potencializadora dessa.

A partir da concretização da oralidade nos momentos de interação entre os jovens e os mestres/as que pude entender que os saberes apenas se consolidam quando estão em meio a periferia das casas, ou seja, ela é trazida dos Hipoknhõwxynh aqueles/as que são donos das áreas das que são determinadas a realizar, são os responsáveis pela instrução e direcionamento dos saberes desde as fazeres dos pëpkaàk, período em que os avós e os netos se envolvem numa constante relação de corpo e alma um pelo outro.

Dessa forma, a proposta inicial deste trabalho é conhecer e refletir sobre um novo olhar acerca dessa relação do saber tradicional panhĩ dos mestres/as Pigêjtaja como uma proposta que reestabeleça essa relação com os jovens mënywjaja, sob uma concepção dos próprios jovens sobre a temática, ao decorrer deste trabalho



abordaremos as trajetórias de vida dos jovens estudantes e moradores de algumas aldeias que mantêm relações com a Escola Estadual Indígena Mãtyk, ou seja, existe na escola uma dimensão considerável de jovens que estudavam e estudam nessa unidade de ensino composto por educandos de outras localidades que considero importante, pois isso significa que existem outros saberes fragmentos de conhecimentos nessas aldeias, e com eles/as os saberes se multiplicam cada vez mais, das quais ensinadas pelos mestres/as e anciãos de suas aldeias.

As relações entre os jovens da etnia eram entendidas pelos mestres como um importante laço de respeito e força da cultura, pois possibilitava o acesso aos diversos tipos de saberes, em que as gerações mais jovens construía em coletivo com os seus educadores Apinayé. Porém os espaços de ensino e aprendizagem com o tempo foi se modificando, passando a ser somente nas unidades escolares, dando a impressão que os conhecimentos dos mestres/as e anciãos foi presa no passado. Entendo que o vínculo com a ancestralidade e com os saberes Apinayé, se aprende tanto nos espaços tradicionais, como as casas, o Pátio, os cemitérios, os ribeirões, as matas, como também nos espaços escolares, mas entendo que a escola fornece apenas o básico, a introdução do saber que ultrapassa os muros escolares.

II. Objetivos

OBJETIVOS GERAL

Compreender como ocorre a produção e transmissão de saberes intergeracionais do povo Apinayé na Aldeia São José.

ESPECÍFICOS

1. Identificar quais as formas de aprendizagens intergeracionais da Aldeia São José
2. Verificar como ocorre a continuidade da produção da tradição na etnia apinaye.
3. Analisar os sentidos e significados da produção e transmissão dos saberes intergeracionais do povo Apinaye na Aldeia São José.

III. Metodologia

A utilização da história oral nessa pesquisa com o povo Apinayé, possibilita uma abordagem mais próxima da realidade vivenciada pelos sujeitos dessa etnia



estabelecendo relações com as narrativas, trajetórias de vida como de seus costumes e tradições seguindo uma lógica que explica seus usos e significados desses rituais.

Para Thompson (1992, p. 137) a utilização de “fontes” que estão “vivas”, são possibilidades de conhecer as experiências vivenciadas e, apresentam relações com relatos que estão condicionados à memória. A história oral, como método de investigação, possibilita conhecer as vivências no território. Portanto a história oral compreende um território como um espaço de vozes, constituído de conhecimentos que estabelecem interações enraizados nos traços identitários com os modos de vida.

Na concepção de Portelli (1997) define história oral enquanto ciência. Isso implica no registro da memória. E a mesma é “[...] um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados”. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas [...] (PORTELLI, 1997, p.16).

Por esta razão é que justificamos a escolha da história e das narrativas, por possibilitar análises dos processos históricos, padrões culturais e, sobretudo das estruturas sociais em que os/ as interlocutores/ os desta pesquisa se constituem como protagonistas.

Entretanto a metodologia utilizada para os resultados obtidos nessa pesquisa de campo, se sustenta na história Oral que estabelece as relações das narrativas e trajetórias para os anciãos e jovens da etnia, considerando os focos nos aspectos culturais da etnia, as informações fornecidas pelos interlocutores/as por meio das histórias narradas que foram gravadas e transcritas para que possamos compreender a dimensão que os costumes, crenças e tradições se encontram no contexto atual.

Dessa forma as narrativas dentro da história oral tornam-se extremamente relevantes para a compreensão como também da relação dos valores culturais e o que cada um carrega consigo do seu grupo de origem como a língua, crença e principalmente a utilização desses conhecimentos na unidade escolar e na família.



IV. Resultados

Ao escrever as primeiras linhas deste trabalho, convenhamos, de certa forma me vejo impossibilitado de compartilhar certos conhecimentos de nossos ancestrais, de não demonstrar na prática esses acontecimentos culturais, nesse caso dos mestres/as, pois abrange níveis extremamente complexos quando nos referimos aos diversos rituais das quais foram ritualizados durante as gerações anteriores aos anciãos.

Entretanto me coloco entre os jovens da etnia como sendo um pëp (jovem aprendiz) como também pesquisador tentando construir e fortalecer os laços maternos com o território e suas territorialidades. Sobre essa relação (Apinagé 2017, p. 171) afirma que:

[...] A relação dos jovens com o território é vista com pouquíssima interação e exploração do espaço do ambiente em especial na Aldeia São José. Embora todos considerem o território como espaço importante para o usufruto a si mesma, mas que poucos dos jovens exploram o seu espaço do ambiente e a grande maioria deles não tem a relação direta com o território.

É pertinente destacar que o autor aborda um elemento que considero determinante para a compreensão e entendimento dos conhecimentos ancestrais do povo panhĩ, que é a interação dos jovens com o território em que a juventude tão pouco explora muito menos conhecem a existência de lugares onde ocorrem os mais importantes rituais e os elementos que equilibram os costumes, os rituais e as músicas que são orientados pelo território.

As pesquisas realizadas na Aldeia São José, ouviu as narrativas dos jovens como a ex-estudante da escola Mătyk e moradora da Aldeia Elen Prŭm Akahkwÿj Apinagé de 22 anos de idade, casada mãe de duas filhas, que nos rememora sobre as valiosas contribuições dos anciãos que estão a todo o tempo aprendendo, ensinando e realizando novas descobertas e que isso fica explícita em ocasiões de maior expressão, os ritos de passagem, como da mais importante, Păr Kapê, Mě ohkrepôxrŭnh̄ti, Mě ohkrepôxm̄ex, mē kām amnênh̄ entre outros que os jovens ainda têm acesso, seja diretamente ou indiretamente, pelo envolvimento com os graus de parentescos com o ritual estabelecido. Entretanto, descrevo os apontamentos da jovem sobre os modos de aprender das tradições panhĩ:



II JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

“[...] Quando alguém te ensina uma coisa né, aí você tem que sentir o que aquela anciã/o e olhar bem atentamente, como isso aos poucos vai assim. Pois não aprendemos sem ao menos tocar, pegar os nossos objetos, a pessoa velha acompanhará durante toda essa trajetória para que essas práticas sejam realizadas de acordo com o rito praticado”.

TEIA UFNT

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - UFNT

ICNPq

Entretanto, quanto mais sabia for o mestre/a mais sensível fica no que pode observar nos modos de ensinar e detalha os movimentos, espaços e a maneira como tem que ser realizado a prática, como podemos observar na imagem da festa denominada mẽ ohkrepôxmex da mestra Joanita Pãx nos cortes de cabelo mẽ kī jakàr na aldeia São José.

Figura 01: Mẽ kī jakàr (cortes de cabelo) São José



Fonte; Fabrício Apinagé, 2023

Este é um momento em que toda as teorias narradas pela matriarca se consolidam de forma nítida, presenciada por outros/as jovens que prestam atenção como são realizadas os cortes de cabelo sendo que na cadeira senta um por um com dois panhĩ cortadores em que cada um recebe colares no pescoço trazidos pelas nã ou pãm (madrinhas e padrinhos) dos/as jovens que simboliza o reconhecimento e o respeito pelo corte sendo praticado por eles, suas mulheres no entanto guardam os colares e os tecidos que forem sendo colocado para os jovens, homens, mulheres e velhos sentarem, nessa ocasião esses tecidos caracterizam presentes que os parentes



dos falecidos fornecem como forma de rememorar as histórias deixadas para os seus filhos, netos e bisnetos. Essa prática necessita de um cantor que esteja apto a cantar as músicas propícias para aquela ocasião, pois requer uma qualificação melhor para realizar o canto.

V. Considerações Finais

Esta pesquisa com os jovens da aldeia São José da Escola Estadual Indígena Mãtyk e jovens moradores da aldeia apontou que os eles estão muito distantes dos espaços do território panhĩ, muito menos sabem das histórias que perpassam sobre elas, como a existência dos cemitérios da antiga aldeia, antiga aldeia Bacaba e antiga aldeia São José muito menos dos líderes importantes que defendiam os direitos e a preservação dos costumes como José Dias Mãtyk Chefe da Antiga Aldeia Bacaba, Grossinho Katãm Kaàk, Maria Barbosa Irepti, como também dos instrumentos de sopro Apinayé como Tiwiwire, Patwàti flautas e orifícios de sopro muito confeccionados pelos Apinayé, considerando que esses instrumentos possuem intensa relação com os saberes territoriais e culturais da etnia. Para os mestres/as os melhores momentos e lembranças se passaram nessas aldeias sendo essas aldeias consideradas por todos/as os anciãos sagrados e que representa a identidade do povo.

Em conversa com os jovens, todos eles mantém relações com os mestres, porém uma coisa chama atenção é que todos desempenham funções diferentes dos mestres/as, mas não se reconhecem com artesãos, cantadores, pintores corporais de seu povo, em que eles consideram as habilidades que aprenderam como algo que deve ser realizado apenas quando exigido, ou seja não praticam no seu dia a dia, ou apenas fazem para si e não para serem compartilhados, como se os mestres ensinassem de uma forma que impedissem os jovens a compartilhar esse saberes, sendo que isso pode acontecer, mas somente ocorre em ocasiões específicas de longas convivências com os avós de seus pais ou mães, nesse caso os jovens aprenderam fragmentos desses conhecimentos com outros anciãos em rituais de velório, encontros em rituais.



VI. Referências Bibliográficas

APINAGÉ, Cassiano Sotero. **Escola, meio ambiente**; formas de ensinar e aprender na teoria e na prática entre os Apinajé. 2017.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a História Oral. Projeto História 15. São Paulo, 1997.

RIBEIRO APINAJÉ, Júlio Kamêr. Me ixpapxa me ixahpumunh me ixujahkrexa: Território saberes e ancestralidade no processo escolar panhi. Goiânia, 2019. mestre José.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

VII. Agradecimentos

Agradeço imensamente a Universidade Federal do Norte do Tocantins- UFNT de Tocantinópolis pela entrada e permanência, incentivando a pesquisar e trazer para o cenário acadêmico os valores, conhecimentos dos nossos ancestrais, os povos tradicionais, nesse caso a etnia Apinayé. Reconhecendo o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq- Brasil pelo fomento a interação e socialização dos mais diversos saberes sobre a etnia Apinayé.